

# Notícias de Guimarães

Part. 15.º N.º 778  
29 de Dezembro 1948  
Red. e Adm., R. da Rainha, 56-A. Tel. 4029  
Comp. e Imp., Minerva Vimaranesa. Tel. 4177  
Visado pela Censura. Avença

Director, editor e proprietário—ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

V Á R I A

## Ceia de Natal

## DEPOIS DA TORMENTA

Se fôra a escrever, com des-pida fidelidade, o ditador do coração, quase me tentava a resumir-lo neste simples — a Festa do Natal, ensoladora e reengraçadora, como consubstanciação do homem no seio da família, como íntima solidariedade das famílias no seio da terra, é morta: não resistiu aos golpes certos com que, durante longos anos, na indiferença egoísta da paz ou dureza bruta da guerra, a assassinarão; o que, com o desdobrar, em panejamentos de fantasma, as letras já desdoiradas do epitáfio, sobrevive, em seu nome, como se o fosse, não passa de mentirosa profanação, e essa mesma adrede, feita para mais seguramente apagar a enevoadada saudade dos que ainda, ao menos de tradição, a viveram e amaram.

Ela não conhecia nem diferenças religiosas, nem antagonismos políticos: acendia a sua luz em todos os céus e iluminava todos os lares (o amor do lar). Nasceria do amor (o amor entre os homens) e para o amor: simbolizava o amor, em sua mais humana configuração natural, o amor dos pais aos filhos, o amor dos filhos a seus pais, naquela hora em que todos igualmente o consagravam: donde, ao sentimento de íntima comunhão doméstica, acrescentava o suavíssimo calor da mais estreita fraternização social. O dia natalício — o dia aniversário dos homens, na peregrinação da vida.

Que o confrontem, os que já vão tropeçando nos últimos passos dessa caminhada. E retragam a seus olhos a mesa de uma casa, nos tempos da infância, na Ceia do Natal, e a revejam agora. Ao menos uma certeza logo os bem predisponha — a de que, em todas as casas, as mais humildes, sempre haveria, aquela noite, a mesma travessa de comida, mais farta ou mais parca, melhor ou pior apresentada, entre névoa risonha de lágrimas e grácis esfusios de riso, mas a mesma: e todos sabem que hoje não é assim. A distância social que apartava os homens, em vez de se atenuar, mais se accentuou e agravou, não só iniqua mas pífida. Ela não dimana, não se justifica, não assenta em maior soma de valor — trabalho, talento, ou mesmo herança ou sorte, os sapatos de defunto ou o bilhete da lotaria — mas em outros factores caprichosos e vários, e de cuja variabilidade e capricho avulta a marca de sua origem. Atenuaram-se, diluíram-se, ou mudou-se o plano das lutas de classe. Já não é o proletariado e o capitalismo; ou, se o é, de maneira muito diferente: há operários, e vulgares, que subiram a uma categoria de vida e a uma situação social que, ainda nos fins do século passado, jamais atingiram velhos, laboriosos, económicos e honradíssimos comerciantes, industriais, médicos, juristas, artistas. E o capitalismo, só com o ser, um ponto morto, ou no sobressalto do seu inútil entesouramento: é ver como os jornais todos os dias oferecem, a juros mínimos, contos e contos aos milhares. E

parece que ninguém os quer: naturalmente por isso que os deles necessitados não os obteriam. Anda a rodos o dinheiro: e nunca o dinheiro foi mais caro e distante.

Este paradoxo actual é uma desforra: o dinheiro vê-se ameaçado de morrer a fome de dinheiro, esse absoluto senhor que, valendo tudo, já muitas vezes não serve para nada. E o paradoxo vingá-se com forjar novo paradoxo: da abundância do dinheiro empalmado, ou seja inutilizado para a circulação, em aferrolhamentos ou depósitos (donde resulta a sua carência ao movimento) provém a inflação, como a inflação dá origem ou incremento, logo, ao aumento do preço de compra, e, portanto ao aumento do custo da vida, cara e má. A precipitação no abismo. E no fundo dêsse abismo, nova mina de novos enriquecimentos... Assim, as noções de riqueza e pobreza adquirem um novo sentido. As escalas, por onde se distribuíam, alteraram-se: são hoje pobres, muitos ricos de ontem; como são ricos, hoje, muitos, que todos nós conhecemos pobres. A riqueza aumentou não tanto em o número de ricos (daqueles que, como tais, podem ser considerados), como na quantidade de riqueza que é necessária para ser um rico durante certo lapso de tempo; como a pobreza alastrou, essa em o número, e na qualidade, sendo, de facto, agora, o mais pobre dos pobres, mais do que o próprio mendigo, o que só tem alguma coisa, que lhe não chega para custear a existência, tal como a suportava, e se adaptara, às vezes já com penoso esforço. E daqui vem, espontaneamente, embora com a fermentação viva de outros germes sociais e políticos, o fenómeno do reaparecimento da escravatura, sob outras formas, que abrangem, aliás, todas ou quase todas as classes. Escravos, os ricos; escravos, os pobres. Escravos, os patrões; escravos, os trabalhadores. Nova escravatura, com rótulos diferentes e apelidos vários: mas escravatura: o mundo tornou-se escravo do seu desvario. A civilização, que se inflamara sob o signo da liberdade, quando esta sangrentamente ferida e amordaçada, deixou ligar-nos aos pulsos, cruamente, as algemas.

Ceia do Natal... A festa do presépio: o Deus Menino. Deus, a suprema Justiça, a suprema Misericórdia, fizera-se Homem, para ensinar aos homens a Lei do Amor: amai-vos uns aos outros. Como os homens acataram esse preceito, que o digam os anos terríveis que mal passaram ainda. Jamais o ódio do homem ao homem atingiu proporções tão vastas e profundas. E todos o cultivaram — os sábios, os filósofos, os políticos, os técnicos, os patrões, os operários, os ricos e os pobres, os generais e os soldados. E os religiosos e os não religiosos. Era o desafio internacional do maior galardão ao ódio, mais potentemente destruidor. Essa era a voz, que ajoelhava aos altares nas horas de combate;

homens, odiai-vos uns aos outros, mas com ódio mortal: E! na morte do vosso semelhante que está a vossa salvação.

E salvaram-se os que sobreviveram? E o que salvaram? Por esse vasto descampado, que vai de norte a sul e de leste a poente, revolvido em crateras pelos vesúvios das explosões e afogado no dilúvio de sangue, roveam corvos sinistros e vorazes, os que des-carnam os cadáveres, e os que esfibraram as almas. E continua a morrer-se de fome. A fome é a guerra. A fome é o ódio, gerada do ódio, procriadora do ódio: como as mulheres perdidas, filhas da erva e mães de filhos de ninguém. A morrer-se e a matar. Decerta maneira, a guerra continua. Sob outra máscara. Mas é ela. Mais funambulesca, por isso que vem, aliciente, em trajos de bailarina dionisiaca. Até mascarada na obra da paz: houve esplêndidos estadistas; magníficos, grandes cabos de guerra; heróicos soldados e heróicíssimo povo de alma er-guida. Não se revelaram ainda, ao menos inteira e lealmente, na consolidação pacífica, nem os grandes, nem os pequenos. Um deserto enorme naquele cosmopolitismo de tantíssimos grandes e pequenos... Tantos e tão poucos...

Sem nos queremos lembrar do que se passou no fim da outra Grande Guerra... Wilson, que foi um símbolo, unanimemente aclamado, veio a ser, assobiadamente, enxôvo de ridículo: e vai aqui a nossa

viva comoção pela morte prematura de Roosevelt, cuja perda foi, talvez, das mais fatais. Foi mentira a paz de 1918: e dessa mentira nasceu uma nova e Maior Grande Guerra. Todos os nossos votos são para que essa mentira se não repita. Só o repeti-la é agravá-la. Do ódio pode nascer o amor — é o tema dos romances clássicos; mas da injustiça, dessa radica-se um ódio que não perdoa. Nós queremos fechar os olhos aos milhares de milhares de mortos; aos milhares de milhares de famílias destruídas — viúvas, orfãos, desamparados; aos milhares de milhares de sofrimentos ainda mais cruciantes do que a viuvez, a orfandade, o desamparo. E vemos com esses mesmos olhos «um novo mundo», que todo se espantou em alegre redopio sobre as minas fumegantes, os corações dilacerados, a salpicar de oiro o negreume das almas mortas. Sim, das almas mortas: entre a abaixada dos corvos, descem, na imensa planície onde jazem os que morreram, na santa e doce ilusão do heroísmo que resgata e salva, e elipsa um longo rosário de morcegos.

O sangue não é o sangue natural da terra, nem a arma a sua charrua. O ódio não é semente, embora proliferem... Corvos e morcegos. São mais perigosos os inofensivos diplomatas, armados de palavras, em amáveis conversações, do que os destemidos guerrilheiros, de espingarda em riste. Nas cansadas elipses que o

Por Eduardo de Almeida.

## Canção da Mãe

Vinde, anjinhos pequeninos,  
Embarcar o meu menino,  
Que também tem asas brancas,  
Que também é pequenino...

Já dormes. Na tua bôca  
Paira um sorriso tão lindo  
Que é ao Menino Jesus,  
Por certo, que estás sorrindo...

Que infinito de ternura  
Por ti a minha alma encerra...  
Filho do meu coração,  
Maior tesouro da Terra!

Dorme tranquilo, meu filho,  
Dorme, dorme, doce bem,  
Pudesses sempre dormir  
Sob o meu olhar de mãe.

Despertou. Rosado e lindo,  
Anjos, olhai-o assim!  
Dormiu pouco, eu sei porquê:  
Foram saudades de mim...

Emília Branca S. de S. Cardoso.

Primeiro lá longe, muito ao longe, não era mais que um pequenino ponto no espaço, qual libélula gentil que tontamente enamorada do azul do céu achasse forças para se guindar a tais alturas, depois lembrava uma «dorinha mansa em procura de novas e acolhedoras paragens, e depois ainda semelhante água real que por capricho buscasse a planície para baixar, mas como em escassos momentos as transformações se sucediam, vimo-lo surgir ativo, no seu brilho metálico, parecendo inteiramente feito de alumínio, esse belo avião — qual pássaro de nova espécie, cujo vôo afugenta em carreira doida todos os outros — e orgulhoso da sua missão cumprida, com as possantes asas abertas, em sábias evoluções pousar, enfim, majestosamente no aeroporto.

Londres, Lisboa!  
Palavras mágicas, miragem entontecedora!  
Quem, há umas dezenas de anos poderia imaginar que em tão curto espaço de tempo se poderia transportar da bela cidade dos nevoeiros, quase perpétuos, a nossa ridente Lisboa, terra do sol e das flores?  
O mundo marcha... mas ai de nós, nem sempre caminha para melhor, pois, em certos campos, quantas vezes o seu avanço não é um retrocesso?

Começam saindo os passageiros, e lá longe logo avisto aquela por quem ansiosamente esperava, a Maria Lúcia, minha amiguinha de sempre, que tão gracil e gentil como a vira partir há oito anos. — Senhor, como o tempo passa! — avançava risonha e contenta, acompanhada de seu marido, Sir Roberto Lawrence, grande amigo de Portugal, mas inglês genuíno, e herói incontestável desta horrível guerra, que nem depois de terminada consegue trazer aos nossos espíritos a sensação de paz e segurança, e ambos dando a mão ao pequeno Marcos (cuja história vos vou contar) que olha com ar encantado para o radioso sol de inverno que parece guardar para os receber, o seu mais claro sorriso.

Dezembro decorre, aproxima-se a festa da família, e por isso eles vêm, é que lá longe, perdida em um velho solar de uma longínqua aldeia do norte, há uma velhinha, olhos cansados de chorar pela querida ausente, e coração alanceado pelas incertezas e agonias de esses cruentos anos de guerra, que conta as horas e os minutos que faltam para a ver chegar, e ao marido, ambos plenos de alegria e de saúde, como atestando que as horas negras do passado não foram mais que um mau sonho de que só agora despertou.

— Que longo abraço o que nos reuniu! A comoção tomava-nos, as lágrimas bailavam-nos nos olhos, e nesse momento — caso curioso — parece que a nossa saudade era mais viva ainda, como se redobrasse nesse afectuoso amplexo, turbando-nos com dor a alegria do regresso! Subtilezas da saudade que a palavra não consegue de todo exprimir, mas que o coração sente, porque existem.

E' que quando dela sofremos por longo espaço, não se vai de nós repentinamente — qual vela que de um sopro apagamos a trémula chama, quando nos apraz — é preciso que de novo nos habituemos, à presença querida, e só então se irá esvaindo...

— Acompanhei-os ao hotel, e depois todo o dia, lado a lado, ajudando-os a dar imprescindíveis voltas, não cessamos de trocar impressões, e à noite, após o jantar, enquanto no salão uma orquestra cigana fazia ouvir a sua música embaladora, nós conseguimos descobrir um cantinho acolhedor, quase íntimo, onde a música, abafada pelos reposteiros, chegava, apenas, até nós, como ave moribunda que se esvafesse em triste queixa.

Foi então nessa hora doce, propícia às confidências, que pedi a Maria Lúcia que me contasse a história do pequenino Marcos — que há pouco acabáramos de deitar — e que eu conheci nos seus traços gerais, mas me interessava conhecer detalhadamente. Maria Lúcia concentrou-se um pouco, o ar sorridente desapareceu-lhe do rosto expressivo, e foi quase em voz longínqua que principiou assim: foi numa Londres agitada, cheia de balões de barragem e sinais de alarme, que isto se passou...

Eu vivia, então, horas de angústia intoleráveis, sem notícias de Roberto. Prestava o meu concurso em tudo que podia, aturdi-me com trabalho como que para enganar a minha ansiedade. Vira-o ir, mas voltaria? Não voltaria? Oh! que horas malditas, que negras horas aquelas!...

Poder-se-ia ter feito um rio, crê, com as lágrimas choradas pelas mulheres de todo o mundo!  
Estávamos, como hoje, em vésperas

de Natal e sem eu contar, felizmente Roberto chegou. Radiante, pedi-lhe para me acompanhar a uma casa bastante distante onde tinha sido instalado um hospital de crianças e onde eu ia distribuir uns engenhosos bonecos que conseguira fazer e também algumas guloseimas e para assim ele compartilhar comigo o prazer de ver a alegria dos pequeninos. Fomos. A casa era grande e situada no meio de um jardim. Lá dentro, a sala dos doentinhos era ampla e agradável.

Havia caminhas dos mais diversos tamanhos e fazia dó e causava revolta ver tanto pequenino ferido, tanta dor inútil!...

Fomos indo de cama em cama e a todos deixava a minha recordação. Olhinhos luziam, recebia sorrisos e até beijos. A enfermeira acompanhava-nos, solícita, dando-me as explicações que lhe pedia, até que chegamos junto de uma caminha onde um rostinho moreno, de negros caracóis desgrenhados, emergia das brancas roupas do leito, contrastando singularmente com os brancos e loiros companheiros.

A criança tinha os olhos fechados mas a enfermeira assegurou-me que não dormia.

Tal como fizera com os outros pequeninos, debrucei-me e falei-lhe carinhosamente. Inútil, continuei de olhos cerrados e nem deu mostras sequer de perceber a minha presença.

Depuz-lhe um beijo na testa, mas nem assim seus olhos se descerraram; só um estremecimento leve, quase imperceptível, me deu a conhecer que estava realmente desperto.

Foi então que a enfermeira me explicou: está sempre assim, não fala, dificilmente come e quase que só se alimenta a leite.

Quando o trouxeram vinha ferido na cabeça, com uma clavicula deslocada e uma perna partida. Da cabeça já está bom, mas receio que a pancada lhe perturbasse as faculdades mentais.

O Sr. Doutor diz que não, que ele está lúcido, só prostrado por uma grande dor, mas eu custava-me a crer. Todos os que aí estão sofreram como ele, alguns também nem sabem de pai nem mãe e vão-se refazendo para a vida, só este é assim!...

Coloquei-lhe na caminha o meu boneco mais bonito, era um urso amarelo, para o qual arranjara uma velha peluche e tinha por olhos duas grandes contas pretas. Emocionada pela enigmática atitude, retirei-me, mas disse em português para meu marido, afim da enfermeira não compreender: «talvez num ambiente de carinho, onde não fosse tratado em série, ele melhorasse».

Nesse momento, um grito estridente, lancinante, intraduzível, soou pelo largo dormitório; fôra o rapazião. Erguera-se no leito e de olhos esgazeados e tremendo, fitava-nos, e gritando de braços estendidos, em português clamava: Mamã... Mamã... não te vás outra vez embora... não me deixes...

Ficamos como paralisados de espanto e a enfermeira exclamou «é o que eu dizia, o infeliz enlouqueceu».

Não está demente, protestei como vidíssima, mas, nesse instante, abandonando-o a tensão nervosa, caiu para trás desamparado.

Acorremos pressurosamente, mas não estava desmaiado, apenas semi-desfalecido. Amparei-o nos meus braços e mal recobrou algumas forças rodeou-me o meu pescoço com os seus bracitos e escondendo a cabeça no meu seio, entre um mar de lágrimas e bruscos estremecimentos, não cessava de murmurar: Mamã... Mamã... Disse-lhe em português frases carinhosas, procurando acalmá-lo, mas ele, recioso que o deixasse, apertava-me apaixonadamente.

E' espantoso... espantoso, murmurava a enfermeira. As lágrimas far-lhe-ão bem, pois o médico disse que o pranto seria no seu estado um ótimo reagent, mas agora obstinado como é, não a deixará ir embora.

Olhei para Roberto e, em seus olhos, li o acentimento da minha ideia e disse-lhe então: o que é preciso fazer para obter licença para o levar comigo? Gentilmente deu-nos todas as explicações e, após certos esforços, lá o conseguimos levar, dando, assim, àquele coraçãozinho dilacerado e retraído, num meio onde até a língua lhe não era familiar, a ilusão de voltar para os seus.

No Natal já estava levantado e conseguia andar um pouco e reaprendia a sorrir, perdido aquele ar trágico e estranho, que nos fazia mal.

— E julga ainda que és a sua mãe? — Não; achamos conveniente que soubesse a verdade, se bem que a minha semelhança com ela seja talvez



**V. Ex.ª**

Já pensou nos Brindes que tem de oferecer para o Natal e Ano Bom?

**MARTINI**: é uma marca MUNDIAL com os seus Vermouth — Coronel Brandy e Gin.

Uma marca de qualidade.

Os famosos espumantes das Caves VICE-REI e J. CANDIDO, completam o sortido para um bellissimo brinde. Lindas cestas de seis e três garrafas.

Sem hesitação, digno-se V. Ex.ª pedir o telefone 4178 de:

**JOSE TEIXEIRA**  
(da Recoveira) — Guimarães.

328



## LICOR DO MOSTEIRO DE SINGEVERGA

PREPARADO PELOS MONGES BENEDITINOS PORTUGUESES POR DISTILAÇÃO DIRECTA DAS ESPÉCIES VEGETAIS RIQUEZA DE PALADAR • ARÔMA SUTIL •  
Depositar em Guimarães: T. Mendes Simões. Tel. 4227.

**Toque Piano**

Ele foi o complemento da sua educação. Deve ser, na sua casa, a imagem sempre viva dum Princípio...

SERVIÇO ESPECIAL PARA ORQUESTRAS  
Diapásio Oficial (E N)

**António José Ferreira**

AFINADOR DE PIANOS

R. SOUTO, 135 (escritório)

**BRAGA**

**TEARES**

VENDEM-SE 4 teares mec. de 1,40 de pente com caixão de 4 lanças e com movimentos para sarja de 4 liços.

Informa **Manuel Fernandes** — Serzedelo.

Francês prático e explicações

Ensino a falar e a escrever correctamente esta língua. Também dou explicações do 1.º ciclo dos liceus. Falar nesta Redacção. — José Garcia

**Aletria**

muito fina

na

**Confeitaria Colonial**  
Rua da Rainha — Guimarães

**Srs. Industriais de Tecidos**

**Estufa nova para seca de algodão**

Vende-se uma, conduta em ferro fundido com radiação de calor com 5 metros de comprimento.

Dirigir-se a

**António Rodrigues, Filhos**  
383 Caldas das Taipas.

**Inscrevendo-se na Cooperativa**

«O LAR FAMILIAR» tem a vantagem de construir ou adquirir casa sua sem pagamento de juros.

Sede no Porto: Rua de Santo Ildefonso, 17, 2.º. Agente nesta cidade: Avelino Faria Guimarães

371 Telefone 4229

**Siga o nosso conselho**

Quer uma gabardine?

Uma trincadeira?

Uma Zambrene?

Não compre sem ver a marca EAGLE

a melhor e de mais perfeito acabamento, cores garantidas. Vá à

**Camisaria Martins**

a CASA DAS MEIAS.

**BATATA DE SEMENTE**

**HENRIQUE BOTELHO & IRMÃO**

Armazenistas inscritos na Junta Nacional de Frutos, Vila Pouca de Aguiar, Telef., 7. Temos para venda batata das seguintes qualidades:

Valenciana Arran-Baner e Arran-Consul.

378

**AGENTE EM GUIMARÃES:**

**ROGÉRIO DA SILVA CRESPO GUIMARÃES**

Rua Padre Torcato de Azevedo

**GUERRA AO FRIO**

Casacos, blusas, gilets de lã; Pijamas, camisolas, ceroulas de lã; Meias, peúgas e polainitas de lã; Fatinhos de lã, lãs em fio

o melhor sortido só na

**Camisaria Martins**

A CASA DAS MEIAS.

878

ACONSELHE AO SEU AMIGO

**SANODENTAL**

UM CRÉME DENTIFRICO INCOMPARAVEL

Venda de terrenos Na Avenida

em Esposende em Brasil, área

6,600 m<sup>2</sup>

aprox., tendo

53,5<sup>m</sup> frente estrada Nacional,

com água de poço e todo murado,

ótimo local para construção de prédio. Sem intermediários falar na mesma

localidade ao Sr. João Conde

Evangelista ou em Barcelos com Ar-

mando Martins.

878

**Automóvel** Renault com pneus novos; bicicleta francesa

em bom estado. Vende-se.

395 CAMISARIA MARTINS.

**Quer ter os pés quentes?**

Compre o calçado de agasalho na

**CAMISARIA MARTINS:**

Botas forradas a pele de coelho;

Sapatos em flamon inglês;

Pantufas com piso de borracha;

Botas altas e galochas.

**Camisaria Martins**

a CASA DAS MEIAS.

**Pequena Escrita**

Acceita, pessoa devidamente habilitada, dispondo de 2 horas por dia.

Dão-se referências. Praça D. Afonso

Henriques n.º 85 — Guimarães. 361

**PIANOS E ÓRGÃOS**

Exposição no L. 28 de Maio, 98-1.º

— Guimarães —

COMPRA / VENDE / ALUGA

Afinações e Reparações

Técnico e Proprietário:

**Delfim Ferreira Peixoto.**

307

**Guarda-Livros**

ENCARREGA-SE de todos os serviços de contabilidade.

INFORMA-SE nesta Redacção.

Nos vossos Brindes do Natal, preferi

**PORTO-KOPKE**

e os seus

**ESPUMANTES NATURAIS**



Vinhos que, pela sua alta qualidade e primorosa apresentação, vos satisfazem plenamente. Garrafa tipo BOTIJA e uma interessante caixa de cartão.

AOENTE E DEPOSITÁRIO:

**T. Mendes Simões**

R. de S. Dâmaso, N.º 1

TELEFONE 4227

(ENTREGAS AO DOMICÍLIO)

## Aos Senhores Industriais de Cutelarias

**PONTAS DE CHIFRE**

de 1.ª escolha para cabos de talheres, canivetes, etc.

Vende qualquer quantidade aos melhores preços

**UMBERTO GUIMARÃES PINHEIRO**

TELEF. 4296 — TOURAL — GUIMARÃES

**Para o seu CHÁ**

**Bolacha Colonial**

A' venda nos bons estabelecimentos



**CAVES DA CURIA**

Para as vossas Festas só os Espumantes das Caves da Curia

REPRESENTANTE

**F. F. GUIMARÃES**

PRAÇA DE S. TIAGO, 34 — GUIMARÃES

**“Fervent”**

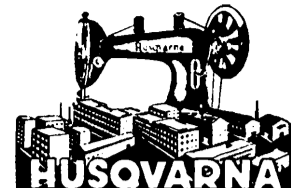
O melhor de todos os produtos para a branqueação de algodões

Representante em Portugal

**Gaspar Pimenta**

Rua da Rainha, 56 — Telefone, 4457

**GUIMARÃES**



Há mais de 150 anos esta maravilhosa máquina de costura de fabricação sueca é vendida em todos os mercados mundiais.

Silenciosa, leve e tecnicamente perfeita, a máquina de costura «HUSQVARNA» é inteiramente construída com os afamados aços suecos.

COSTURA, BORDA e faz todos os trabalhos com rapidez e perfeição.

«HUSQVARNA» tem assistência técnica garantida e um completo sortido de peças soltas.

VENDAS A PRONTO E A PRESTAÇÕES.

Agentes no Concelho:

**Bernardino Jordão, Filhos & C.ª, L.ª.**

366

## Pneus MICHELIN

Esta acreditadíssima marca de pneus vai ser distribuída novamente em Portugal.

O seu antigo Agente de venda neste concelho, Francisco da Cunha Mourão, vem por esta forma participar aos Srs. Automobilistas e bem assim aos seus antigos e estimados clientes, que se prontifica a fazer as entregas, sem qualquer remuneração, mediante a apresentação da respectiva guia da **Direção Geral dos Serviços de Viação.**

317

**Sapataria Santos, L.ª**

(Junto à Casa de Móveis Cipriano)

**CALÇADO DE LUXO**

EXECUÇÃO POR MEDIDA

OFICINA ANEXA AO ESTABELECIMENTO

SEMPRE NOVOS MODELOS

para SENHORA e HOMEM.

320

TELEFONE 1579

45 — Praça Carlos Alberto — 46

PORTO

**CANDIDO DIAS, L.ª**

Rua das Flores, 282

Telef.: 871

PORTO

Teleg.: Didias

Compramos e vendemos: Notas e moedas de todos os países, ouro e prata em barra, platina e libras ouro

Moedas antigas ouro e prata para colecções

Papéis de crédito e cupões nacionais e estrangeiros

Ordens de bolsa

361

A gerência desta Casa está a cargo dos seus principais sócios Srs: Augusto e Afonso Pinto de Magalhães, que durante largos anos estiveram ao serviço do Banco Borges & Irmão.

A melhor pomada para calçado

# OK

**BOOT POLISH**

A MARCA DE CLASSE

288



# EDITAL

## Recenseamento Eleitoral

**Américo da Costa Gouveia Ramos**, pelo Chefe da Secretaria da Câmara Municipal do Concelho de Guimarães:

Faz saber, nos termos e para os efeitos do art. 10.º da Lei n.º 2.015, de 28 de Maio de 1946, que as operações do recenseamento dos eleitores do PRESIDENTE DA REPÚBLICA e da ASSEMBLEIA NACIONAL para o ano de 1947, terão início em 2 de Janeiro e terminarão em 15 de Março do mesmo ano.

### Ao abrigo do disposto nos Artigos 1.º e 2.º da citada Lei:

#### São eleitores, e como tal, recenseáveis:

1.º — Os cidadãos portugueses do sexo masculino, maiores ou emancipados, que saibam ler e escrever português;

2.º — Os cidadãos portugueses do sexo masculino, maiores ou emancipados, que, embora não saibam ler e escrever, paguem ao Estado e corpos administrativos quantia não inferior a 100\$00, por algum ou alguns dos seguintes impostos: contribuição predial, contribuição industrial, imposto profissional e imposto sobre aplicação de capitais;

3.º — Os cidadãos portugueses do sexo feminino, maiores ou emancipados, com as seguintes habilitações mínimas:

a) — curso geral dos liceus;

b) — curso do magistério primário;

c) — curso das escolas de belas artes;

d) — curso do Conservatório Nacional ou do Conservatório de Música do Porto;

e) — curso dos institutos industriais e comerciais.

4.º — Os cidadãos portugueses do sexo feminino, maiores ou emancipados, que, sendo chefes de família, estejam nas demais condições fixadas nos n.ºs 1.º ou 2.º.

Para os efeitos do disposto neste número, consideram-se chefes de família as mulheres viúvas, divorciadas, judicialmente separadas de pessoas e bens ou solteiras que vivam inteiramente sobre si.

5.º — Os cidadãos portugueses do sexo feminino que sendo casados, saibam ler e escrever português e paguem de contribuição predial, por bens próprios ou comuns, quantia não inferior a 200\$00.

#### À prova de saber ler e escrever faz-se:

a) — Pela exibição de diplomas de exame público, feita perante a comissão que funcionará na sede da respectiva Junta de Freguesia;

b) — Por requerimento escrito e assinado pelo próprio, com reconhecimento notarial da letra e assinatura;

c) — Por requerimento escrito, lido e assinado pelo próprio perante a comissão referida na alínea a), desde que no mesmo requerimento assim seja atestado, com a autenticação por meio de selo branco ou a tinta de óleo da Junta de Freguesia;

d) — Pela respectiva declaração nos mapas enviados pelas repartições ou serviços a que se refere o artigo 13.º da citada Lei.

#### À prova do pagamento referido nos 2.º, 4.º e 5.º faz-se:

a) — Pela exibição, perante a comissão de freguesia, dos conhecimentos respectivos, cujos números ficarão anotados no verbete ou processo individual do eleitor;

b) — Pela inclusão no mapa enviado pelo chefe da secção de finanças.

Ao marido se levarão em conta os impostos correspondentes aos bens da mulher, posto que entre eles não haja comunhão de bens e aos pais os impostos correspondentes aos bens dos filhos menores a seu cargo.

#### À prova das habilitações referidas no n.º 3.º faz-se:

Pela exibição do diploma do curso, da certidão ou a pública forma respectiva, perante a comissão a que se refere a alínea a), ou pela declaração respectiva nos mapas enviados pelas repartições ou serviços mencionados no art. 13.º, da citada Lei.

#### Não podem ser eleitores:

1.º — Os que não estejam no gozo dos seus direitos civis e políticos;

2.º — Os interditos por sentença com trânsito em julgado e os notoriamente reconhecidos como dementes, embora não estejam interditos por sentença;

3.º — Os falidos ou insolventes, enquanto não forem reabilitados;

4.º — Os pronunciados definitivamente e os que tiverem sido condenados criminalmente por sentença com trânsito em julgado, enquanto não houver sido expirada a respectiva pena e ainda que gozem de liberdade condicional;

5.º — Os indigentes e, especialmente, os que estejam internados em asilos de beneficência;

6.º — Os que tenham adquirido a nacionalidade portuguesa, por naturalização ou casamento, há menos de cinco anos;

7.º — Os que professem ideias contrárias à existência de Portugal como Estado independente e à disciplina social;

8.º — Os que notoriamente careçam de idoneidade moral.

**Todos os cidadãos com direito a voto, poderão requerer a sua inscrição no Recenseamento, ao Presidente da Comissão Recenseadora, por intermédio das Comissões de Freguesia, e deverão mencionar, além do nome, o dia do nascimento, filiação, profissão, habilitações literárias e morada.**

Para constar, se publica o presente e outros de igual teor, que vão ser afixados nos lugares do estilo e publicados em dois jornais deste Concelho.

Paços do Concelho, 27 de Dezembro de 1946.

**Américo da Costa Gouveia Ramos.**